

## Análise epistemológica de uma produção científica:

### “Opção pelos pobres: no Contestado e na Teologia da Libertação” **de Maria Bernadete de Albuquerque Campos**

Nilson Thomé[1]  
Doutorando em Educação – UNICAMP

## Introdução

Apresentamos a análise epistemológica [2] de uma produção científica, no caso da Dissertação de Mestrado, em volume de 116 páginas, de Maria Bernadete de Albuquerque Campos, sob a temática da “Guerra do Contestado”[3] com o título *“Opção pelos Pobres: no Contestado e na Teologia da Libertação”*, memória que seria apresentada em 1984 à Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais, da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Ciência – História, tendo por orientador o Prof. Dr. Valmor Bolan.

Os objetivos gerais desta pesquisa, segundo a autora, são: *“identificar as causas do Movimento Messiânico do Contestado na região do Planalto Catarinense; fazer um relato histórico do Movimento do Contestado; identificar algumas das características principais da Teologia da Libertação; e explorar possíveis relações entre o Movimento Messiânico do Contestado e o catolicismo da Teologia da Libertação”* (p. 5).

No início do trabalho, a autora apresenta seu resumo:

Na região compreendida entre o sul do rio Iguaçu e o norte do rio Uruguai, numa área de aproximadamente 28 mil quilômetros quadrados, território em litígio entre Santa Catarina e Paraná no período de 1912 a 1916, desenvolveu-se o Movimento do Contestado. Esse movimento, no seu apogeu, congregou uma população rebelada de cerca de 20 mil pessoas, entre homens, mulheres e crianças, todos privados dos ‘mínimos vitais’ de sobrevivência, em decorrência de questões econômicas, políticas, sociais e religiosas.

O tema proposto focaliza, além do Contestado histórico, a religião como ideologia, sob dois aspectos – o Catolicismo rústico e o Catolicismo institucionalizado, utilizando para isto o método analítico descritivo.

O Contestado é enfocado a partir do Catolicismo rústico, que encontrou seu refúgio ideológico no Messianismo, e seus representantes, os Monges – líderes espirituais – que fizeram a seu modo uma “opção pelos pobres”, permitindo-lhes uma existência mais digna na terra.

Com isso, o Catolicismo, através de um processo rústico, não institucionalizado, rompia uma aliança histórica da Igreja com as classes dominantes, aliando-se aos dominados. Neste trabalho, busca-se, então, comparar o catolicismo rústico do Contestado com a contemporânea Teologia da Libertação, que apresenta uma proposta concreta libertadora, por meio da sua declarada “opção preferencial pelos pobres”. Tanto aquela Igreja rústica, não institucionalizada, quanto esta Igreja atualizada, institucionalizada, ainda que não hegemônica, são vistas como propostas nascidas da realidade concreta da miséria, em busca de uma nova ordem social.

Para esta análise epistemológica, procuramos seguir o roteiro proposto pelo Professor Dr. Silvio Gamboa, elegendo como categoria metodológica fundamental a relação entre o lógico e o histórico. No lógico, pela reconstituição da estrutura interna e, no histórico, pela elucidação das tendências da abordagem, encontrada no universo estudado.

A autora, neste resumo, esclarece a utilização do método analítico descritivo para a elaboração da tese, dividida em quatro capítulos, seguidos das conclusões. No primeiro, apresenta a questão social do Contestado, enfocando as disputas por limites, a economia e o problema da terra. No segundo, procura narrar o conflito sob o enfoque do messianismo. No terceiro, aborda a religião e a opressão. No último, enfoca a Teologia da Libertação. Conclui que: *“...procuramos demonstrar de que o catolicismo rústico daquela época já tinha feito sua ‘opção pelos pobres’, pois era ele o único alento das massas oprimidas de então”*.

Em suma, trata-se de uma pesquisa empírico-analítica em Sociologia sobre a “Guerra do Contestado”, o mais relevante fato histórico do Sul do Brasil (nas terras disputadas pelos Estados de Santa Catarina e do Paraná) nos primeiros anos deste século, onde a autora procura narrar o episódio a partir da leitura de textos já difundidos, agora enfocando-os sob o prisma da religiosidade, objetivando mostrar que a “opção pelos pobres” da Teologia da Libertação já estava evidente entre a população oprimida do “Território Contestado” [4] “Região do Contestado” [5] naquela época, como “único alento”, assim, excluindo outros alentos. Induz ao entendimento de que o fator religioso (o catolicismo rústico) foi o mais importante para a deflagração do conflito, que envolveu o “Homem do Contestado” [6].

Poderíamos ir além, manifestando-nos inclusive criticamente sobre a qualidade científica deste trabalho e seu valor para a historiografia catarinense, dentro da “História do Contestado”, mas, como não é este o objetivo, aqui, limitamo-nos à análise desta produção científica, observada pelos Pressupostos Metodológicos, nos níveis técnico, metodológico, teórico e epistemológico, e pelos Pressupostos Filosóficos, nos níveis gnoseológico e ontológico.

A escolha desta dissertação, para análise, prende-se ao nosso vínculo íntimo com os estudos históricos da temática “Contestado”.

## Pressupostos Metodológicos

### 1. Nível Técnico

Esta pesquisa evidencia-se como enquadrada entre as empírico-analíticas.

#### 1. 1. Técnicas de coleta

A autora utilizou-se de dezenas de leituras, coletando dados em bibliografia já existente e amplamente conhecida sobre a “Guerra do Contestado”, dela extraindo informações de fatos históricos, parte destas informações estereotipadas por outros autores no decorrer dos tempos e, em bibliografia mais recente sobre parte da releitura histórica dos acontecimentos históricos e sobre temas de religião, igreja, catolicismo, messianismo e, sobretudo, Teologia da Libertação.

As informações sobre fatos históricos e sobre sentimento religioso sugerem que, na metodologia utilizada, a autora realizou fichamento bibliográfico como técnica de coleta de dados quantitativos. Todos os capítulos da dissertação são estruturados em citações bibliográficas e comentários da autora que, entre umas e outras transcrições, tenta dar lógica de raciocínio ao texto, ou correlação entre as citações.

Não há nenhuma menção a outras formas de coleta de dados por pesquisa direta em outras fontes. Isto, descarta a possibilidade de enquadramento do trabalho entre as pesquisas fenomenológico-hermenêuticas ou crítico-dialéticas.

#### 1. 2. Organização e tratamento de dados

Evidencia-se o fichamento codificado em categorias para destacar os eventos históricos e o aspecto religioso levantados, a partir do qual a autora descreve os fenômenos segundo a visão positivista da História e analisa-os sob o prisma da Religião. Não há questionamento sobre as informações.

Nos dois primeiros capítulos, a tese suporta-se em narrativa histórica, caracterizada pela relevância ao cunho religioso das informações. Nos dois capítulos seguintes, verifica-se o mesmo procedimento, enfatizando temas religiosos contemporâneos, que a autora liga com as revelações sobre o sentimento religioso do tempo histórico estudado.

Na conclusão, a tese liga as duas partes, para dar a final correlação entre elas. A opção pela pesquisa quantitativa fica evidenciada pelas menções bibliográficas.

## 2. Nível Metodológico

Mesmo sendo um trabalho de Sociologia, está claro o uso da metodologia tradicional lógico-dedutiva, muito empregada pelas correntes empírico-positivistas de pesquisa de História, aliás, como a própria autora informa, de sua opção pela utilização do método analítico-descritivo, característico desta linha de pesquisa. Não aceita o que está fora dos dados empíricos levantados, estes que a autora considera corretos e sobre eles fez seus enunciados e levantou sua hipótese, que passou a ser afirmação científica.

Observam-se as relações diretas causa-efeito e estímulo-resposta, quando a tese mostra a abordagem empirista e coloca simultaneamente:

a) - o “catolicismo rústico”[7] como um dos fatores determinantes do sentimento religioso da população pobre e oprimida da época, assim considerado uma das causas da “Guerra do Contestado” e como um pré-acontecimento da teologia da libertação;

b) – a “opção pelos pobres”, calcada nos estímulos da população revoltada, ao mesmo tempo em que deduz que a ação da população (conflito) teria sido resposta a uma situação e, que a teologia da libertação, mais tarde adotada pela Igreja [8], seria a mesma da resposta do povo daquele tempo histórico.

### 3. Nível Teórico

Na primeira parte, a pesquisa privilegia autores clássicos do positivismo e da ciência analítica e, na segunda, fundamenta-se em citações de autores clássicos que produziram trabalhos fenomenológico-hermenêuticos.

A fundamentação teórica aparece na forma de revisão bibliográfica da “Guerra do Contestado”, e da “Teologia da Libertação”, revelando, inclusive, resumos de resultados de outras pesquisas sobre os mesmos temas, assim expondo os “*constructos*” utilizados nas definições operacionais dos termos empregados nos dois assuntos.

Não há argumentação mais sólida ou uma discussão mais abrangente sobre os dois temas enfocados – História da Guerra do Contestado e Religiosidade Popular. O texto exclui também confrontos, debates, questionamentos, tanto sobre a temática levantada como sobre as próprias informações coletadas; mostra-se simplesmente como um processo técnico de descrição e explicação dos fenômenos.

#### 3. 1. Fenômenos privilegiados

O trabalho não utilizou a hermenêutica para a captação dos significados dos fenômenos objetos desta pesquisa. Assim, as interpretações dos fenômenos pela autora são praticamente as mesmas dos autores das partes transcritas.

As partes do trabalho, como o levantamento das causas econômicas, políticas e religiosas, mais a descrição histórica do Movimento do Contestado, seu avanço no tempo, seus personagens, suas batalhas, compõem o contexto em que “*o catolicismo rústico se transforma no canal de organização e revolta dos sertanejos, através de um movimento messiânico nascido da ação dos monges e sustentado depois por seus seguidores*” (p. 5) e, ainda, a tida incapacidade da Igreja institucionalizada em compreender o movimento messiânico como “*uma tentativa de os sertanejos se libertarem da opressão a que estavam submetidos*” (p. 6), revela a estereotipia dos significados dos fenômenos.

#### 3. 2. Núcleo conceptual básico

O núcleo conceptual básico da dissertação está na interrelação ou na correlação levantada pela autora, na caracterização da “Guerra do Contestado” [9] como um movimento social, de cunho messiânico, mas, **essencialmente de luta pela terra e, na caracterização desta luta de um povo oprimido como sendo o mesmo objetivo da “opção pelos pobres” da Teologia da Libertação.**

#### 3. 3. Autores clássicos cultivados

A autora fundamenta sua hipótese primeiro sobre narrativas da “Guerra do Contestado” colhidas em obras da corrente positivista, militar-religiosa, como:

CARVALHO, General Setembrino de. *A Campanha do Contestado*. Rio: Clube Militar, 1916.  
 ASSUMPÇÃO, Herculano. *A Campanha do Contestado*. Belo Horizonte: I.º, 1918.  
 PEIXOTO, Demerval (tenente). *Campanha do Contestado; episódios e impressões*. Rio: 1920.  
 SINZIG, Frei Pedro. *Frei Rogério Neuhaus*. Petrópolis: Vozes, 1939.  
 CARNEIRO, David. *O Paraná na História Militar do Brasil*. Curitiba: Haupt, 1942.  
 LUZ, Aujor Ávila da. *Os fanáticos; crimes e aberrações*. Florianópolis: 1952.  
 CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *A Campanha do Contestado*. Florianópolis: Laudes, 1979.

O enfoque religioso do trabalho está fundamentado basicamente em três obras, todas teses de doutorado em Sociologia, resultados de pesquisas fenomenológico-hermenêuticas, onde surge a expressão “catolicismo rústico”:

QUEIROZ, Maria Isaura de. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo: Alfa, 1977.  
 QUEIROZ, Mauricio Vinhas de. *Messianismo e Conflito Social*. São Paulo: Ática, 1977.  
 MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os Errantes do novo século*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

As informações sobre a teologia da libertação são as coletadas basicamente em:

BOFF, Leonardo. *Igreja, Carisma e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1982.  
 GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1983.  
 BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. São Paulo: Brasiliense, 1984.  
 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio: Paz e terra, 1974.

### 3. 4. Pretensões críticas

A tese da autora busca explorar o caráter político-ideológico de religião popular, entendendo o Contestado pela análise da religião como ideologia. Traça um paralelo entre o movimento messiânico (catolicismo rústico) e as formas contemporaneamente desenvolvidas (catolicismo institucionalizado) para superar injustiças sociais.

### 3. 5. Tipo de mudança proposta

Dar ao Movimento do Contestado “um tratamento diferente, examinando-o à luz dessa categoria tão relevante hoje para os cientistas sociais preocupados com a realidade brasileira: a teologia da libertação” (p. 108).

## 4. Nível Epistemológico

Na leitura deste trabalho, identificamos que:

- a) - a História do Contestado está reduzida apenas ao período entre 1912 e 1916, permanecendo limitada ao período considerado como “do evento”;
- b) - a pesquisa é realizada no momento em que desponta a Teologia da Libertação no seio da Igreja Católica;
- c) - a construção do texto obedece uma cronologia da “opção pelos pobres”, referenciando sua existência no início na Guerra do Contestado;
- d) - o fenômeno concreto da Teologia da Libertação tem no Contestado um referencial histórico importante;
- e) - a História do Contestado explica o presente fenômeno da Teologia da Libertação pelo seu “telos”.

Em São Paulo - distante mais de 600 km da Região do Contestado - nos primeiros anos da década de 1980, a autora debruça-se sobre diversos livros [10] que enfocam os dois temas básicos da sua pesquisa: Guerra do Contestado e Teologia da Libertação, principalmente as obras mencionadas pela autora

A cientificidade desta pesquisa de orientação positivista fundamenta-se principalmente na confiabilidade dos documentos, elegendo a bibliografia, juntada para leitura, como fontes concretas dos registros históricos e nas versões originais que, ao ver da autora, garantiriam a verdade histórica nas informações. Pouco – ou quase nada – fazendo crítica interna e externa sobre os autores e suas produções, a autora não questiona as fontes.

A concepção de causalidade desta pesquisa revela sua identificação positivista, quando ela “...se expressa como causa eficiente, relação linear causa-efeito e interação entre elementos em situações experimentais e reais” e, ainda, “como relação temporal de seqüência tipo passado-presente-futuro; exemplo disso, é a relação entre uma mudança no

*passado e uma situação atual, entendida esta como consequência daquela. E, finalmente, é entendida como relação lógica entre fatos e generalizações, entre dados e conteúdos básicos, relação entre teoria e prática ou coerência entre proposta e finalidade prática” [11]*

A causalidade histórica verifica-se na sistematização de dados e registros históricos empíricos, para apresentar o momento da Guerra do Contestado como uma pré-Teologia da Libertação e, pela seqüência temporal, ou seja, para explicar que a atual “opção pelos pobres” da Teologia da Libertação era, muito antes, a bandeira-de-luta da totalidade do povo oprimido da Região do Contestado.

Esta pesquisa enquadra-se no grupo que *“concebe a ciência como adequação de modelos teóricos à realidade e vice-versa. Isso é possível quando o pesquisador parte de um referencial empírico sistematizado e contextualizado e constrói uma explicação teórica para essa realidade empírica” [12]*.

## **Pressupostos Filosóficos**

### **1. Nível Gnoseológico**

Nesta abordagem empírico-analítica, encontramos a objetividade da proposta na observação controlada que dá origem aos fatos, na formalização das informações segundo as leis do raciocínio lógico-dedutivo ou hipotético-dedutivo, ainda que, na sua conclusão e apenas aí, a autora tente supor a existência de uma conotação levemente subjetiva.

A população da Região do Contestado, a Guerra do Contestado, ou mesmo a ideologia presente na Teologia da Libertação, estão distanciados do sujeito - no caso, a pesquisadora - assim preservando-se a objetividade nos quatro capítulos da tese. *“A neutralidade axiológica exigida é garantida pela distância, que o instrumento permite, entre o pesquisador e o objeto”* (GAMBOA, op. cit.: 92).

Nesta pesquisa bibliográfica, pela qual a autora pretende por escola de Sociologia o grau de Mestre em Ciência - História, estão expostas as diretrizes extraídas do positivismo aplicado aos estudos históricos, como: valorização do factual documentado, cronologia do tempo histórico, ordenamento de início-meio-fim, relevância a personagens, uso da heurística e da crítica nos documentos e, destaque para aspectos políticos e religiosos.

História é a ciência que estuda o presente e o passado do homem, dos grupos sociais e das sociedades humanas, buscando e localizando fatos no tempo e no espaço, interpretando os acontecimentos da vida, dos povos e das idéias que contribuíram e contribuem significativamente para as transformações sociais e a evolução das civilizações, sempre à luz do presente. Ora, não compete à História pesquisar apenas para narrar o passado. Cabe então ao pesquisador também exercitar a dialética, questionar, analisar e interpretar a sociedade humana dentro de um conjunto e favorecer o homem à descoberta de um papel a exercer nos dias de hoje no contexto social, inclusive proporcionando-lhe meios para que adote uma posição mais crítica em face da realidade.

Os estudos de História consistem em longos e difíceis esforços de ordenações de acervos das realizações humanas verificadas no decorrer dos anos. Compete a esta ciência reunir informações e os conhecimentos adquiridos sobre o passado dos grupos sociais, buscar a identidade coletiva, possibilitando a transmissão deste saber. Caracterizada também e não somente como a busca dos restos do passado, a História tem nos fatos históricos o seu principal objeto de estudo. Estes fatos constituem os marcos dos acontecimentos, com a importância medida pelo grau dos envolvimento e das consequências, pelas repercussões ou implicações que tenham tido ou ainda têm sobre o meio social.

As sociedades humanas estão em permanente movimento, com avanços e recuos, gerando processos sociais de interação, competição, concorrência, conflito, acomodação ou assimilação, assim permanentemente provocando fatos sociais marcantes para a produção de História. Quem faz a história é o homem, individualmente ou em grupo, pelas suas obras, resultantes das suas maneiras de pensar, sentir e agir.

Como “história-acontecimento”, temos todos os fatos e processos históricos feitos pelos homens em suas práticas sociais, durante o passado e alcançando o tempo presente, que tenham influenciado ou provocado transformações na sociedade. O homem em grupo realiza, faz acontecer, produz o acontecimento, sem mesmo perceber que poderia estar “fazendo” história e entrar para a História. Já como “História-conhecimento”, temos a História propriamente dita, compreendendo narrativas e interpretações dos processos de transformação da sociedade humana local e regional, desde os primórdios tempos até a atualidade. Esta ciência considera a construção, a evolução e o quadro atual da sociedade a partir de diversos fatores, como: políticos, sociais, econômicos, culturais, e religiosos. Assim, o

pesquisador, o historiador, faz a leitura dos fatos históricos, dos acontecimentos realizados pelo homem e produz o conhecimento. No passado, o homem fez história. No seu tempo, o historiador produz História. E ao produzir História, inserindo-se nela, o historiador também promove novo acontecimento.

Esta conceituação de ciência da História não está embutida na tese analisada, calcada que está na ciência da Sociologia.

## 2. Nível ontológico

Com preocupação sincrônica, a dissertação concebe o fenômeno estudado enquanto colocado num cenário isolado, distante do sujeito. A “opção pelos pobres” no Contestado é colocada num contexto amplo, entendida como um sistema (Teologia da Libertação) dentro de um macrosistema (Igreja Católica), onde *“a realidade é percebida como totalidade presente, universo de significados, fonte de múltiplos sentidos, universo oculto que aparece e, ao mesmo tempo, se esconde, mas que fundamentalmente está aí mais ou menos estático. Os fenômenos estão aí para serem compreendidos”* (GAMBOA, 1997: 106).

Na pesquisa, há a preocupação com a descrição, a análise, a especificidade e a interpretação do fenômeno, em categorias fundadas na lógica formal, no raciocínio hipotético-dedutivo e, no princípio da não-contradição.

Para conhecer o primeiro tema - o Contestado - que cita como “Movimento do Contestado”, a autora busca algumas das fontes bibliográficas disponíveis na historiografia brasileira sobre o Contestado. Quanto ao segundo - a Teologia da Libertação - utiliza um apanhado de publicações, com teorias sobre a ideologia, prematuramente avaliadas pelos ainda poucos resultados apresentados no momento na pesquisa. Na recomposição do fenômeno sociológico, a autora utiliza conteúdo bibliográfico limitado. A redução das fontes reduz a pesquisa.

No momento da realização da pesquisa, a autora revela preocupação sincrônica com a descrição dos fenômenos no imediatismo empírico. Não conhece que, no mesmo momento, já ocorre um movimento de revisão da História do Contestado, este na Região do Contestado – em pleno palco do acontecimento histórico – longe, pois, de São Paulo e, que a própria Teologia da Libertação passa por uma releitura dentro da Igreja Católica, ambos produzindo nova bibliografia, fenômenos não considerados nesta dissertação.

### 2.1. História da Guerra do Contestado

Nos pressupostos ontológicos da tese em análise, encontramos a afirmação da autora na sua introdução:

Na região compreendida entre o sul do rio Iguaçu e o norte do rio Uruguai, numa área de aproximadamente 28 mil quilômetros quadrados, território em litígio entre Santa Catarina e Paraná no período de 1912 a 1916, desenvolveu-se o Movimento do Contestado. Esse movimento, no seu apogeu, congregou uma população rebelada de cerca de 20 mil pessoas, entre homens, mulheres e crianças, todos privados dos “mínimos vitais” de sobrevivência, em decorrência de questões econômicas, políticas, sociais e religiosas.

Ao contrário do apresentado nesta pesquisa, a nossa revisão da História tem que:

- a) - a Guerra do Contestado aconteceu entre 1913 e 1916, ou seja, iniciou um ano depois do enunciado pela autora;
- b) - a extensão do território disputado pelos dois Estados era superior a 40 mil quilômetros quadrados e a região em que aconteceu o conflito, dentro da área maior, era inferior a 20 mil quilômetros quadrados;
- c) – não há como comprovar-se que a população rebelada era de cerca de 20 mil pessoas;
- d) - Nem toda a população da região era “privada dos mínimos vitais de sobrevivência”, mas, uma parte dela, pois que o conflito reuniu também a aristocracia regional, representada pelos ricos fazendeiros, e a burguesia emergente, representada pelos primeiros cidadãos de posses nas vilas.

Derrubando estruturas arcaicas do conhecimento, desde a metade dos anos 1970, na Região do Contestado, já se caracterizou a “História do Contestado” em sentido mais amplo e, a “História da Guerra do Contestado”, mais restrita, esta última entendida como um acontecimento dentro do tempo histórico maior, enfocada como a insurreição do catarinense, influenciada pela construção da estrada-de-ferro, pela ação danosa da madeireira Lumber Company,

pela questão de limites entre Paraná e Santa Catarina, pelo jogo de interesses entre fazendeiros e políticos, pelo misticismo, messianismo e fanatismo que havia entre os caboclos, pela deprimente estratificação social e sistemas de vida da época, pela posse da terra e pela índole guerreira dos sertanejos.

A autora não considera que, como evento complexo, à luz dos novos conhecimentos trazidos pelos fatos resgatados em novas pesquisas, compreende-se que o conflito eclodiu coincidentemente em tempo e espaço na junção de motivações sociais, econômicas, políticas, religiosas e culturais, **não podendo mais ser analisado sob um único prisma ou tomado isoladamente por apenas um destes fatores, como só o religioso, apresentado nesta pesquisa.**

Há muito tempo que, a par de outros temas, com afincos estudam-se também os aspectos religiosos que integram a História do Contestado, vendo-os como de forte influência, tanto para a deflagração da Guerra do Contestado, quanto para a formação das idéias do Homem do Contestado, seja o do passado - do tempo antigo ou do mais recente - seja o da atualidade. A religiosidade popular encontrada nesta parte de Santa Catarina mostra raízes culturais próprias, em parte diferente da religiosidade observada nos povos de outras regiões do Estado e do País, o que tem motivado historiadores regionais a buscar alguns dos seus fundamentos em outros fenômenos, que não os conhecidos.

Por não realizar garimpo “*in loco*”, desconhece esta pesquisa o surgimento do movimento “Resgate da Memória do Contestado” [13], desenvolvido a partir da década de 1970, na própria Região do Contestado, onde a pesquisa em geral consiste inicialmente em buscar novos dados junto às fontes, preferencialmente regionais, que são consideradas originais, como documentos das épocas a que se referem os eventos e depoimentos de pessoas que participaram dos fatos ou estiveram mais próximos deles. Levantam-se então os fatos mais relevantes diante de menções encontradas que, para a História, poderiam ser considerados verdadeiros, à vista da constatação das contradições, pois que muitas inverdades sobre fatos passados e sobre as personagens foram tidas originalmente como verídicas, certas e fiéis, e foram assim publicadas, copiadas e reproduzidas no decorrer do tempo.

Encontram-se em diversos livros vários evidentes indicativos de mentiras, amplamente difundidas sobre o tema “Contestado”, produtos de autores não suficientemente preparados, que deram ouvidos a equívocos, utilizando-se de más informações e de fontes tendenciosas e duvidosas, dando créditos a vãs justificativas de atos e de imputações de culpas, fabricadas, narradas e interpretadas no passado próximo e até no presente sem os exigidos critérios da História, fontes estas que a pesquisa considerou como relevantes. Tais fontes são constantemente questionadas para chegar-se o mais próximo possível da verdade histórica, sabendo, aliás, que em História não existe verdade absoluta e sim versões sobre os acontecimentos, inclusive a do historiador. Ciro Cardoso lembra que por ser ciência, a História é falível: “*Não pretende acumular verdades eternas, imutáveis e absolutas, mas tende a um conhecimento complexo pela acumulação de verdades parciais, de aproximações sucessivamente mais abrangentes; isto é, passa de estados de menor conhecimento a outros de conhecimento mais avançado*” (CARDOSO, 1988: 28).

Na História da Guerra do Contestado e nas histórias sobre o Contestado, lamentavelmente, ainda constam as elogiosas menções aos inteligentes oficiais, aos valentes soldados, aos importantes coronéis, aos abnegados sacerdotes ou aos destacados políticos, paralelamente as obscenas menções aos bandos de fanáticos, às quadrilhas de malfeitores, aos grupos de jagunços ou às corjas de bandoleiros, assim estando bem separados os “mocinhos” dos “vilões”, conforme a visão dos que se declararam vencedores do conflito. Tais expressões continuam reclamando o levante da verdade, para confirmações e desmentidos. Ao problematizar o sentimento do caboclo da Região do Contestado, os pesquisadores do “Resgate da Memória” pretendem um aprofundamento na questões, ou dos fenômenos, com a intenção de que a sociedade atual faça justiça histórica aos homens do Contestado, depois que saiba mais sobre sua cultura, suas realizações, seus envolvimento nos acontecimentos do passado, suas dependências histórico-sociais, as influências recebidas, suas idéias, razões e motivações, seus comprometimentos e sua *praxis* na História e, depois de uma maior compreensão sobre suas atitudes e manifestações.

Existem no Brasil mais de cem livros publicados sobre a História da Guerra do Contestado, dentre os que abordam exclusivamente este evento e aqueles que inserem-no em estudos de maior amplitude, alguns deles utilizados nesta pesquisa. Usando a liberdade que tem, cada cronista ou historiador, no seu tempo, interpretou e narrou as ações e as reações da população regional de antes, durante e de logo depois da Guerra do Contestado – entendida como conflito, questão, guerra civil, insurreição, campanha, movimento ou revolução – caracterizando-as como violentas, em todos os sentidos. De modo geral, ficou para a História e assim difundiu-se a marca de que as heresias eram violências contra a religião, que os anseios de paz e de justiça social eram violências contra o coronelismo, que os acampamentos e redutos eram violências contra a ordem do mandonismo, que as manifestações pela liberdade da terra eram violências contra o capitalismo e, por aí fora.

No cenário, imperou a premissa que para cada ação corresponde uma reação em sentido inverso na mesma proporção. Então, o caboclo do Centro-Oeste Catarinense era violento e seus atos tinham que ser combatidos também com violência e pela força. Rebeldes e desordeiros precisavam ser castigados, jagunços mereciam ser perseguidos, bandidos deveriam ser presos, fanáticos teriam que ser subjugados.

Não é possível negar que, em determinados locais e tempos - não apenas na Guerra do Contestado - uma parcela do caboclo catarinense revelou-se violenta, como fanática, revoltosa, herege, bandida ou jagunça. O que se nega, é que toda a geração cabocla assim possa ser assim enquadrada, como se o somatório destas manifestações fosse uma sua característica cultural coletiva própria e permanente, em todos os locais e durante todo o tempo histórico. Ora, suas ações e reações aconteceram diante de circunstâncias diferentes. Infelizmente, não se percebeu, aqui, o que entende o filósofo Johann Herder, de que não existem leis invariáveis e padrões de consciência e de comportamento aplicáveis a todos os homens em todas as épocas.

As manifestações, no seio da sociedade regional, nunca foram estudadas caso a caso, até a intervenção do movimento de resgate. Daí porque, até recentemente, atribuiu-se ao caboclo do Contestado uma fama, ou uma generalizada pecha, de personalidade negativa, que extravasou fronteiras e alcançou nossos dias, só a contar do seu envolvimento com a Guerra do Contestado. Pouco ou quase nada se estudou sobre outros acontecimentos ou fatos históricos que, anteriormente e posteriormente a esta guerra, influenciaram e envolveram os caboclos.

Se entendermos que a Guerra do Contestado não foi uma iniciativa de parte dos caboclos, ou uma agressão que veio a provocar a brutal reação militar, mas sim, uma reação cabocla violenta diante de uma série de ações promovidas contra eles pelas forças legais que, escudadas nos fardamentos e protegidas pelas insígnias, também praticaram atos de violência, teremos uma situação inversa a esta que foi narrada pelos cronistas pagos pelo Exército. Então, poderiam ter sido os caboclos do Contestado quem aplicaram a premissa de que a cada ação corresponde uma reação em sentido contrário na mesma proporção, tendo eles reagido à opressão com a mesma ou maior intensidade da agressão [14].

## 2. 2. Catolicismo rústico e catolicismo institucionalizado

Uma expressão muito usada na historiografia e nos compêndios religiosos é Religiosidade Popular, ou Religião do Povo. Podemos entendê-la a partir da análise do catolicismo “popular”. No Brasil, havia dois tipos de catolicismo: o urbano, chamado “renovado”, que aglutinava os habitantes das cidades (caracterizado como romano, clerical, tridentino, individual e sacramental) e o rural, chamado “tradicional”, que predominava fora das cidades (caracterizado como luso-brasileiro, leigo, medieval, social e familiar - este tipo cultivado na Região do Contestado, no início deste século - explica-nos Riolando Azzi. O catolicismo tradicional é o que mais está vinculado à cultura do povo brasileiro. Em *O Catolicismo Popular no Brasil*, o autor expõe:

O catolicismo popular, (tradicional) em suas diferentes manifestações históricas, esteve sempre bastante próximo dos cultos africanos e ameríndios, gerando não poucas vezes expressões religiosas que podem ser consideradas como verdadeiro sincretismo religioso. A partir do século passado o culto popular católico sofreu também influência do espiritismo e do protestantismo. Deste modo, não é raro encontrar católicos que freqüentam a umbanda, o espiritismo ou assembléias protestantes (AZZI, 1978: 11).

Em *O Catolicismo do Povo*, Pedro A. Ribeiro de Oliveira explica que:

O quadro do antigo catolicismo luso-brasileiro (tradicional) é de um catolicismo assentado sobre organizações e lideranças leigas, inclusive, é esse assentamento sobre os leigos que nos permite entender o dinamismo do catolicismo brasileiro do passado apesar da debilidade do clero. (...) Até fins do século passado, o catolicismo no Brasil estava fundamentalmente nas mãos dos leigos. As irmandades e confrarias, voltadas para a celebração do culto e das devoções aos santos e almas, foram o principal suporte da religião católica no Brasil (OLIVEIRA, in: STUDIUM, 1976: 10, 14).

Passada a “Questão Religiosa” na História do Brasil, a maioria da Igreja Católica do país mantinha-se dentro do catolicismo renovado, não percebendo o avanço que se notava na Itália, onde o catolicismo começava a rever suas posições políticas em relação ao Estado burguês, originando conflitos de forças ideológicas e disputas entre tendências orgânicas. Lá, aos católicos “integrais” (correntes ligadas à extrema-direita) se contrapôs o movimento “modernista”, com uma força progressista e populista, aspirando reformar o catolicismo. Apesar de o Papa evitar o surgimento de uma segunda onda de catolicismo liberal, ao golpear o modernismo como tendência reformadora da Igreja e da religião Católica, não aceitando a linha progressista, “*permitiu o desenvolvimento do populismo*” (STACCONE, 1989: 235). O populismo católico chegou às terras brasileiras em meados deste século, quando a Igreja ainda estava aliada ao sistema de opressão, com a catequese sendo usada como instrumento de dominação, ela que, “*em vez de libertar*;



*escraviza*” (HOORNAERT, 1978: 123). A ordem ainda era no sentido de combater as formas (de paganismo, superstição, ignorância, sortilégio e pacto com o demônio) da religiosidade popular, por influência da ortodoxia romana. E as idéias modernistas chegaram logo a seguir.

### 2.3. O Contestado, a Igreja e a “opção pelos pobres”

Na então “terra-de-ninguém” da Região do Contestado, durante a Guerra do Contestado, a população cabocla pegou em armas, lutando contra tudo e contra todos, inclusive contra ela mesma. Numa mesma época e num mesmo lugar, aconteceram: um movimento messiânico de grandes proporções, uma acirrada disputa político-administrativa pela posse das terras, uma competição capitalista pela exploração das riquezas naturais, uma discussão pela fixação de limites interestaduais, um grito popular pela liberdade e pela chance de ingresso e de ascensão social, um reencontro entre antigos “maragatos” e “pica-paus” da revolução Federalista... e, porque não dizer, uma oportunidade para praticar violências para as quais parte da população havia sido bem treinada.

Milhares de pessoas, simultânea e coincidentemente [15], envolveram-se no conflito, desde fazendeiros dispostos a defender suas propriedades, a posseiros, peões e lavradores, querendo conquistar um pedaço de chão para morar. Tanto eram crentes fanatizados pelas promessas messiânicas, como eram coronéis e chefes políticos aproveitando a ocasião para ampliar o poder local. Na Guerra do Contestado aconteceram diferentes *guerras-do-Contestado*. Tivemos a guerra por fronteiras, a guerra pelos ervais, a guerra pela terra, a guerra pela madeira, a guerra-santa, a guerra da liberdade, a guerra entre os coronéis...

A Guerra do Contestado, assim - também - não deixou de ser uma “Guerra Santa” à moda cabocla, pois que parte (e não toda, como consta na tese) da população era de fato oprimida.

Para o professor Célio Alves de Oliveira, o contexto místico presente na religiosidade popular é muito notado ainda hoje em toda a região do Contestado, tanto na cidade como nas comunidades rurais: *“Na época do Contestado, o panorama histórico procura negar até mesmo o estado de homem ao sertanejo. Logo, a ‘práxis’ religiosa lhe garantia a possibilidade de construir sua própria identidade, que pela religiosidade popular, ele reproduzia conhecimentos antigos e recriava novos conhecimentos, capazes de dar sentido ao seu dia-a-dia”* (OLIVEIRA, 1991: 35).

Duglas Teixeira Monteiro classifica a religiosidade popular na região do Contestado como sendo o “Catolicismo Rústico”, manifestado através das práticas mágico-religiosas ligadas ao tratamento de moléstias, a recursos de auto-defesa e proteção, e à tradição das festas dos padroeiros locais. Ele concorda que a história desta religião popular está ligada de forma definitiva aos feitos e às lendas de monges, beatos rezadores e curadores itinerantes:

Em contraste com o padre - porta-voz de uma instituição estranha - que, saindo de sua sede paroquial, situada numa vila ou cidade, também percorria o sertão, o ‘monge’ vivia no sertão. (...) Ao contrário do padre, porém, esses estranhos se deixavam assimilar. Conquanto vivessem uma vida apartada e cultivassem hábitos mais ou menos ascéticos, passavam a fazer parte integrante da vida social sertaneja, como se fossem uma florescência natural da religião católica rústica. Representava o ‘monge’ um papel equivalente ao do padre, mas estava a serviço e era a expressão da autonomia do mundo religioso rústico (MONTEIRO, 1974: 81).

Referindo-se à religiosidade expressa nos movimentos messiânicos de Canudos, Contestado e Caldeirão, Rui Facó explica que *“...parece ser uma tendência natural das massas rurais espoliadas, em determinadas condições, criar uma religião própria, que lhe sirva de instrumento em sua luta pela libertação social, como o cristianismo foi, em seus primórdios, religião de escravos e proletários da época”* (FACÓ, 1978.: 42).

Para a professora da USP, Vera Lúcia Michalany Chaia, *“a religiosidade popular, entendida enquanto uma concepção de mundo, é uma das possibilidades dos homens simples, ou seja, das classes subalternas. É oposta à religião oficial, pois esta forma de religião supõe uma ruptura com a hierarquia eclesiástica da Igreja Católica”*. Segundo ela, por exemplo:

O padre é uma figura dispensável, já que o contato que se faz com Deus é direto, sem a interferência dos sacerdotes, neste sentido, o Espírito estaria no corpo dos homens, no grupo reunido. (...) O que encontramos na religiosidade popular é uma série de crenças e de práticas religiosas que não se enquadram com a religião proposta pela hierarquia oficial da Igreja Católica (CHAIA, 1981: 35).

A chamada religiosidade popular e o chamado catolicismo rústico seriam então profanos em relação à religião oficial (Igreja Católica), só esta sagrada. Isso levanta outro tema, que nos remete à abordagem de alguns fundamentos históricos sobre “religião”. Em *Pequena História das Grandes Religiões*, Félicien Challaye apresentou a tese de

caracterização das religiões na história mundial, do Totemismo ao Cristianismo, ou seja, desde os primórdios tempos até os atuais e em todos os continentes, com a contribuição ímpar da ligação do cristianismo com as raízes do sentimento religioso do homem.

Não podemos deixar de registrar que o totemismo e o animismo influenciaram todas as grandes religiões da humanidade, inclusive a Católica. Tanto se impregnaram nas religiões que, em alguns casos, até as superaram, como que dando uma imensa volta, vindo do passado distante e paralelamente a elas chegar aos nossos dias, alcançando a população do Contestado de menos cultura ou de quase nenhuma cultura, o que a Igreja da época não aceitava [16]. E por isso mesmo, aquela Igreja Católica estava aliada às classes dominantes.

Só recentemente, baseada parcialmente no novo espírito criado pelo Concílio Vaticano II, a Igreja Católica no Brasil começou a mudar rumos, buscando aproximar-se da religiosidade popular, ou seja, a admitir as formas da cultura do povo como fortes inspiradoras da sua espiritualidade. As gradativas mudanças na evangelização ficaram evidentes nas posturas do clero após as Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano, do Rio de Janeiro (1955), de Medellín (1968) e, principalmente, de Puebla (1979). No início dos anos 60 começa a tomar força no Brasil a “Teologia da Libertação”, com teólogos modernos fazendo uma releitura das Sagradas Escrituras a partir do enfoque dos oprimidos, desassistidos e excluídos socialmente.

A partir da terceira conferência observou-se radical mudança em relação à evangelização nos tempos da Primeira República. Na *Mensagem aos Povos da América Latina*, em Puebla, surge a abertura na “súplica de perdão”: “*Apesar de muito heroísmo oculto, muita santidade silenciosa, reconhecemos que estamos longe de viver o que pregamos. Por todas as nossas faltas e limitações, nós Pastores pedimos perdão a Deus e a nossos irmãos. Queremos ajudar a todos à conversão e converter-nos a nós mesmos, fazendo de nossas Igrejas um incentivo à vivência do Evangelho*” (MIRANDA, 1979: 11).

Nas *Conclusões da Conferência de Puebla*, de 1979, encontramos:

- A religião popular latino-americana, há tempo, sofre por causa do divórcio entre a elite e o povo. Isso significa que lhe faltam educação, catequese e dinamismo, devido à carência de uma adequada pastoral. (455).
- Os aspectos negativos são de origem várias. De tipo ancestral: superstição, magia, fatalismo, idolatria do poder, fetichismo e ritualismo... (456).
- Se a Igreja não reinterpretar a religião do povo latino-americano, se dará um vazio que será ocupado pelas seitas, pelos messianismos políticos secularizados, pelo consumismo que produz tédio e a indiferença ou o pansexualismo pagão... (469).

Observamos algumas novas posturas e mudanças nas diretrizes da Igreja Católica em relação ao catolicismo-caboclo já nos anos 80-90, como as contextualizadas no ensaio publicado pelo Padre Hércion Ribeiro, diretor do Instituto Teológico de Santa Catarina, sob o título *Contestado: A Força dos Fracos - Por uma leitura atualizada da luta dos oprimidos*, quando a Pastoral da Terra organizou sua primeira Romaria da Terra neste Estado, na localidade de Taquaruçu, em Fraiburgo, em 1986, estabelecendo uma relação entre a Romaria e o Contestado, documento do qual extraímos:

A Igreja SC parece que está sendo uma das últimas a acordar para estes fatos - já está acordando? - e descer de seus altares para ouvir os gemidos históricos desse povo. (...) A Romaria da Terra vai estar associada ao Contestado, porque tanto esse quanto aquela estão ligados à força histórica dos fracos em SC. O Contestado foi a luta dos pequenos, em defesa de seus direitos, sua dignidade e sua fé. A Romaria da Terra dirá de novo que a luta dos explorados e dos pobres não está resolvida e por isso continua. (...) A Romaria da Terra a ser celebrada em Taquaruçu dia 14 de setembro, tendo como pano de fundo o Contestado, é uma síntese feliz da espiritualidade cristã catarinense, especialmente do pobre e do empobrecido de SC. As quase 140 mil famílias dos Sem Terra, dos acampados, as agricultoras e agricultores - com todos aqueles que se fazem seus irmãos - celebrarão festivamente sua dor. (RIBEIRO, Pe. Hércion: 14 set. 1986).

Na realidade, a “Guerra do Contestado” foi, ao mesmo tempo, uma luta dos “grandes” entre si, dos “pequenos” entre si e, dos pequenos contra os grandes. Foi tanto de defesa de direitos dos pequenos como de defesa de interesses dos grandes. O esforço da Teologia da Libertação em ligar o Contestado à sua ideologia, por esta Romaria da Terra, não tem sustentação científica segura, da mesma forma como a tese em análise nesta dissertação, não encontra suporte na realidade histórica dos acontecimentos reais, pois a “opção pelos pobres” do Catolicismo rústico no Contestado não contempla a insinuada exclusiva “luta dos explorados e dos pobres”, como se só isso tivesse ocorrido de importante no conflito.

## Conclusão

Neste estudo, encontramos uma pesquisa empírico-analítica e hipotético-dedutiva, que utilizou a origem empírica de dados e dedução lógica para recompor os fenômenos, evidenciando a matriz positivista na sua objetividade.

Pela leitura da “memória” aqui enfocada, segundo a descrição apresentada, quem não conhece a fundo a História do Contestado e a História da Guerra do Contestado, deduz que, efetivamente, o conflito seria caracterizado exclusivamente como um movimento de luta pela terra, deflagrado por uma população pobre e oprimida, que praticava o catolicismo rústico, ou não institucionalizado. Assim, o catolicismo institucionalizado atual da Igreja Católica, através da Teologia da Libertação, teria a bandeira da “opção preferencial pelos pobres” nascida da realidade concreta da miséria, como na Guerra do Contestado.

O pouco conhecimento da História da Guerra do Contestado e da História do Contestado, a primeira inserida na segunda e, a não busca de outras fontes primárias, originais, também disponíveis, fez com que a autora fundamentasse seu trabalho exclusivamente em bibliografia de mais fácil acesso. Isso comprometeu e prejudicou sua fundamentação teórica na “*exploração de possíveis relações*” entre os fenômenos, de que a proposta da Teologia da Libertação, da Igreja atualizada, seria a mesma proposta da Igreja rústica do Contestado, mesmo considerando-se que as variáveis sobre o segundo fenômeno mostraram maior e melhor embasamento teórico.

## Bibliografia

- AZZI, Riolando. *O Catolicismo Popular No Brasil; aspectos históricos*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma Introdução à História*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CHAIA, Vera Lúcia Michalany. *O fenômeno da religiosidade popular e a atuação da Igreja no meio rural*. In: Revista Roteiro. Joaçaba: FUOC (5), II, abr./jun. 1981.
- CHALLAYE, Félicien. *Pequena História das Grandes Religiões*. São Paulo: Ibrasa, 1962.
- EDIÇÕES PAULINAS. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões da Conferência de Puebla*. 3. ed. São Paulo: 1979.
- FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos; gênese e lutas*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização, 1978.
- GAMBOA, Sílvio Sánchez. *Epistemologia da Pesquisa em Educação*. Campinas: Praxis, 1996.
- GAMBOA, Sílvio Sánchez. *A Dialética na Pesquisa em Educação: Elementos de Contexto*. In: Metodologia da Pesquisa Educacional. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- HOORNAERT, Eduardo. *Formação do Catolicismo Brasileiro 1550-1800*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- MIRANDA, Dom Antonio Afonso de. *Puebla Sintetizado. Reflexões para Grupos*. Aparecida: Santuário, 1979.
- MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os Errantes do Novo Século; Um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. Série Universidade 2. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e Conflito Social; A Guerra Sertaneja do Contestado*. Ensaios 23. 3. ed.. São Paulo: Ática, 1981.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *La “Guerre Sainte” au Brésil: Le Mouvement Messianique du “Contestado”*. São Paulo: Boletim USP (187), 1957.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no mundo*. 2. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.
- RIBEIRO, Pe. Hélcion. *Contestado: A Força dos Fracos*. Mimeografado. Florianópolis: ITESC, s. d.
- STACCONE, Giuseppe. *Filosofia da Religião*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- STUDIUM THEOLOGICUM - CURITIBA: *A Religião do Povo*. Curitiba: PUC, 1976.
- THOMÉ, Nilson. *Sangue, Suor e Lágrimas no Chão Contestado*. Caçador: UnC, 1992.
- THOMÉ, Nilson. *São João Maria na História do Contestado*. Caçador: UnC-Caçador, 1997.
- THOMÉ, Nilson. *Os Iluminados. Manifestações e Personagens Místicas e Messiânicas no Contestado*. Florianópolis: Insular, 1999.

[1] Professor de História de Santa Catarina e de História do Contestado na Universidade do Contestado, de Caçador (SC).

[2] Tarefa disciplinar no “Seminário de Pesquisa em Educação”, ministrado pelo Dr. Sílvio Sánchez Gamboa (da Faculdade de Educação da UNICAMP) no Curso de Mestrado em Educação, da Universidade do Contestado, de Caçador, em 1999.

[3] Conflito que aconteceu entre 1913 e 1916, envolvendo, de um lado, a população sertaneja (cabocla) e, do outro, forças militares e civis. A História considera que foi um destacado evento histórico, resultante da revolta da população regional à ordem vigente, ou seja, uma insurreição da população cabocla.

[4] É toda a área geográfica no tempo presente integrante das regiões Sul e Sudoeste do Estado do Paraná e do Norte e Oeste do Estado de Santa Catarina, objeto da “Questão de Limites”, tendo por fronteiras: ao Norte, os rios Negro e Iguazu; ao Sul, os rios Canoas e Uruguai; a Leste, ora a Serra Geral, ora o Rio Canoinhas, o Rio Timbó, o Rio do Peixe ou o Rio Marombas; e a Oeste, a Argentina.

[5] Área geográfica localizada dentro do *Território Contestado*, hoje no Centro-Oeste do Estado de Santa Catarina, habitada pelo *Homem do Contestado*, onde ocorreu a *Guerra do Contestado*, limitada: ao Norte, pelos rios Negro e parte do Iguaçú; ao Sul, pelos rios Canoas e parte do Uruguai; a Leste, pela Serra Geral; e a Oeste, pela Serra da Taquara Verde e pelo Vale do Rio do Peixe.

[6] Genericamente, é ligado à população mais antiga da Região do Contestado. Ele é originalmente conhecido como “caboclo”, pelas suas raízes étnicas luso-brasileira e mescla destas com a índia, a negra e seus descendentes. Habitante do território desde meados do século passado, tropeiro, peão, ervateiro ou agregado que, à época da Guerra do Contestado, enfrentou as forças militares estaduais e do Exército. Predominante no território até 1917, abrange também representantes aculturados das etnias povoadoras da região na segunda metade do século XIX.

[7] Ver: MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os Errantes do Novo Século*. São Paulo: Duas Cidades, 1974. Este autor foi quem, depois de estudar *in loco* o conflito, pela primeira vez, enfocou o tema “Contestado” sob o ponto de vista de um catolicismo diferente, que denominou de “rústico”.

[8] Frei Leonardo Boff, um dos expoentes da Teologia da Libertação, é natural de Concórdia, Santa Catarina, município localizado dentro do Território Contestado

[9] Na historiografia catarinense, ainda hoje, verifica-se que o termo “Contestado” é constantemente vinculado apenas à “Guerra do Contestado”. Na região, entretanto, difere-se a “História do Contestado” da “História da Guerra do Contestado”, a primeira, abrangente dos primórdios tempos à atualidade e, a segunda, restrita ao conflito social de 1913 a 1916.

[10] A maior parte da bibliografia básica existente e disponível no Brasil sobre o tema Contestado, não é constituída por trabalhos de historiadores profissionais, aqui entendidos como os diplomados bacharéis e especialistas no ramo, mas sim, por escritos de teólogos, médicos, sociólogos, políticos, folcloristas, advogados, jornalistas, religiosos, filósofos, militares, psicólogos, engenheiros, romancistas e poetas que, mesmo sem formação acadêmica especializada e, sem experiência em métodos científicos, excursionaram pelos caminhos das histórias, para produzir História, a maioria com relativo êxito. Temos no Brasil brilhantes e valiosos estudos sobre a temática do Contestado, com visões de leigos e versões de cientistas sociais especialistas nas suas respectivas áreas.

[11] GAMBOA, Silvio Sánchez. *Epistemologia da Pesquisa em Educação*. Campinas: Praxis, 1996, p. 93.

[12] GAMBOA, Silvio Sánchez. *Op. cit.*, p. 94.

[13] Trabalho de revisão dos acotitos iniciado em 1974 pelo Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, de caçador (SC), ligado à Universidade do Contestado.

[14] É tudo uma questão de ponto-de-vista!

[15] Teoria levantada em 1985 por Nilson Thomé e publicada em *Sangue, Suor e Lágrimas no Chão do Contestado* (1992).

[16] Ver: THOMÉ, Nilson. *Os Iluminados. Manifestações e Personagens Místicas e Messiânicas no Contestado*. Florianópolis: Insular, 1999.